



Universidade de Brasília
FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**"Professor,
pode dar aula disso para as crianças?"
Análise de um projeto interventivo em
educação para a sexualidade**

Autora: Larissa Thuanne Costa da Silva

Orientadora: Juliana Eugênia Caixeta

**Planaltina – DF
Novembro, 2017**



Universidade de Brasília
FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**"Professor,
pode dar aula disso para as crianças?"
Análise de um projeto interventivo em
educação para a sexualidade**

Autora: Larissa Thuanne Costa da Silva

Orientadora: Juliana Eugênia Caixeta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Profa. Dr. Juliana Eugênia Caixeta.

**Planaltina – DF
Novembro, 2017**

Dedicatória

Ao Professor Otávio Augusto Moser Prado, com quem tive a honra de partilhar o desejo de realizar esse trabalho.

Nossa parceria foi para além do espaço formal de ensino. O aprendizado que tive foi fundamental para o meu processo de formação como professora-pesquisadora.

Sou grata pela compreensão, amizade, respeito e ensinamentos que sempre farão parte da minha vida, por isso, faço esta dedicatória.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por me trazer até aqui.

A minha família, amigos/as e professores/as que, com muito carinho e apoio, me motivaram ao longo do curso para a realização deste sonho.

Obrigada a todos/as que fizeram parte da minha trajetória!

"Professor, pode dar aula disso para as crianças?" Análise de um projeto interventivo em educação para a sexualidade

Larissa Thuanne Costa da Silva

Resumo:

O presente trabalho analisa o projeto interventivo intitulado Do Corpo Humano à Sexualidade, desenvolvido por meio da teorização sobre educação sexual e perguntas feitas por crianças do ensino fundamental da escola pública Beija Flor, em Planaltina-DF. Discutir sexualidade na escola é importante, porque possibilita a construção de contextos pedagógicos que favorecem a compreensão de si, do corpo e das diferentes maneiras de se relacionar com ele e com as pessoas ao redor. A educação para a sexualidade também favorece a promoção da saúde numa perspectiva biopsicossocial. A metodologia foi qualitativa com delineamento de pesquisa-ação. Participaram onze estudantes, o professor efetivo, a pesquisadora e um bolsista de iniciação científica júnior. A análise dos dados foi feita por análise de conteúdo. A análise gerou quatro categorias: temática, metodologia de ensino, atividades e interação. O projeto de intervenção Do Corpo Humano à Sexualidade foi capaz de demonstrar que é possível incluir a educação para a sexualidade para crianças.

Palavras-chave: educação para a sexualidade, crianças, perguntas.

Apresentação

A escolha do tema do presente trabalho se deu pelo desejo de realização pessoal da pesquisadora. O interesse teve início em sua adolescência, quando teve a oportunidade de participar de uma palestra realizada em sua escola. Ao longo da vida, teve afinidade com o assunto e logo após o seu ingresso na Universidade de Brasília estava certa de que esse seria o tema escolhido para o seu trabalho de conclusão de curso. Durante sua graduação surgiu outra oportunidade de participar como ouvinte de uma palestra também sobre o tema em uma escola, o que despertou ainda mais curiosidade sobre as práticas interdisciplinares. Então, após algum tempo surgiu outra oportunidade de colocar em prática realizando a pesquisa em um projeto de extensão.

Introdução

Educação para a sexualidade é o termo conferido ao processo pedagógico, desenvolvido no âmbito da educação formal, que aborda temas como corpo, sexo e relações humanas, inclusive aquelas relacionadas ao gênero (PENA, 2015).

Figueiró (2006), citada em Pena (2015, p.17), caracteriza a Educação Sexual como “toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual”.

Discutir sexualidade na escola é importante, porque possibilita a construção de contextos pedagógicos que favorecem a compreensão de si, do corpo e das diferentes maneiras de se relacionar com ele e com as pessoas ao redor. A educação para a sexualidade também favorece a promoção da saúde numa perspectiva biopsicossocial e, conseqüentemente, a prevenção de doenças. Dada a sua relevância para a atuação de si em sociedade, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) defendem a sexualidade como tema transversal e corpo humano e saúde.

O presente trabalho analisa o projeto interventivo Do Corpo Humano à Sexualidade, desenvolvido por meio da teorização sobre educação sexual e perguntas feitas por onze crianças do 4º ano das séries iniciais do ensino fundamental 1 da escola pública Beija Flor, em Planaltina-DF.

1. Referencial Teórico

A sexualidade se refere a um processo biopsicossocial, ligado às experiências do corpo e das interações sociais vinculadas ao prazer, ao sexo e às relações de gênero.

(...) entendemos que a sexualidade é uma marca única do homem, desenvolvida a partir de sua condição cultural e histórica. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta sua dimensão de ser sexuado. (...) A

sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas. (...) A sexualidade é a própria vivência e significação do sexo, para além do determinismo naturalista, isto é, já carrega dentro de si a intencionalidade e a escolha, que a tornam uma dimensão humana, dialógica, cultural (NUNES; SILVA, 2001, p. 73).

A sexualidade se desenvolve desde o nascimento, quando, a criança, na relação com a mãe, vivencia as primeiras experiências de prazer (KUPFER, 2001), especialmente, pela amamentação. A partir desta experiência, a sexualidade da criança vai se desenvolvendo de acordo com as vivências constituídas no meio social (NUNES; SILVA, 2001).

Neste contexto, é preciso notar as mudanças e curiosidades que as crianças apresentam com vistas a educá-las a respeito desse tema.

As crianças devem receber educação sexual assim que demonstrarem algum interesse pela questão. Essa resposta é uma decorrência natural do fato de entender que, se já existe na experiência da criança algo de natureza sexual, não há porque negar a ela as informações através das quais poderá dominar, intelectualmente, o que já é conhecido no plano de vivência (KUPFER, 2001, p. 46).

A educação para a sexualidade é uma área do conhecimento que se responsabiliza pela formação de conceitos relacionados à sexualidade no espaço formal de aprendizagem. É evidente que o tema sexualidade deve ser abordado desde cedo pela família, guiada, claro, pela curiosidade e pelas hipóteses que as crianças constroem sobre o que é sexo e sexualidade.

Neste contexto, temos que pais e educadores devem atuar em unidade, para preparar as crianças e adolescentes para tomadas de decisões relacionadas à vida sexual. Atualmente, no entanto, temos um cenário onde a família evita discutir temas sobre sexualidade, especialmente, com crianças pequenas, devido a uma compreensão histórica de que a criança não é sujeito de desejo (KUPFER, 2001) e, muitas vezes, demandam a atuação da escola para esse processo de ensino:

A educação sexual se deparou com diversos obstáculos oriundos de diferentes seguimentos para sua implantação nas escolas brasileiras.

Frente a intensificação das demandas sociais, as escolas não conseguiram mais evitar a abertura de espaços em seu âmbito para discussões sobre o tema. Tais espaços foram pleiteados pelos próprios pais, que não se sentiam seguros para tratar de assuntos relativos ao sexo com seus filhos. Diante disto, foi delegada a escola tal responsabilidade sem que a mesma estivesse preparada para dar conta desse papel (BOMFIM, 2009, p. 25-26).

A maioria das escolas, por sua vez, também não tem dado conta de desenvolver projetos interdisciplinares de educação para a sexualidade (BOMFIM, 2009). Famílias e escolas evitam tratar o tema sexualidade, temendo que os/as jovens possam iniciar a vida sexual antes do momento que consideram adequado (NUNES, 2006). No entanto, famílias e escolas, ao agirem assim, não levam em conta a responsabilidade que tem com relação à promoção da saúde, prevenção de doenças e, também, da gravidez na adolescência.

Muitas pessoas que tiveram sua sexualidade mal trabalhada no passado, hoje estão sofrendo essas consequências. Um exemplo disso é o grande número de adolescentes que iniciam sua vida sexual sem terem nenhuma estrutura social, psicológica e principalmente a estrutura familiar, e sem um conhecimento adequado sobre os métodos contraceptivos, engravidam sem ao menos saberem o que é e como é ser mãe; quanto ao prazer sexual, muitas também o desconhecem (CAMPOS; BARBOSA, 2006, p. 3).

A educação para a sexualidade precisa ser desenvolvida de forma a compartilhar “(...) os conhecimentos (...) necessários para que o indivíduo possa adquirir atitudes, expressar seus sentimentos e firmar valores que o permitam aceitar e vivenciar a sexualidade própria e dos outros num contexto livre e responsável” (FUCS, 1993, p. 201).

O tema sexualidade é complexo e de múltiplos significados, por isso, a defesa é de que a atuação, na escola, seja interdisciplinar, pois a temática deve ser abordada nas diferentes disciplinas que fazem parte do contexto escolar por se tratar de um tema transversal (BRASIL, 1997). Tema transversal é aquele conjunto de saberes e habilidades que devem ser abordados de forma interdisciplinar nas escolas, por isso professores de quaisquer áreas do saber devem incluí-lo em seus cronogramas de aulas e/ou projetos (BRASIL, 1997).

Desenvolver um trabalho pedagógico, que seja interdisciplinar (FAZENDA, 1991), demanda tempo, planejamento, atitude, respeito e diálogo, sem estas habilidades e processos pode haver dificuldades em sua execução. Gulielmin (2015) buscou compreender a visão dos professores de ensino fundamental sobre a temática sexualidade na escola e identificou que, em geral, os professores possuem receios de abordar o tema com seus/suas estudantes, mesmo considerando-o relevante para a aprendizagem.

Dentre as diferentes abordagens de ensino possíveis, neste trabalho, a escolha foi pela construção de um processo pedagógico centrado no interesse da criança. Pesquisas como as de Oliveira (2013), Silva (2013) e Barbosa (2014) evidenciam que o uso de perguntas para deflagrar processos formativos em educação para a sexualidade, nas escolas, tem sido frequente entre professores/as de ciências que atuam com adolescentes. Portanto, um caráter inovador deste trabalho interventivo se refere ao uso dessa estratégia com crianças que, até o início do século XX, eram consideradas assexuadas, conseqüentemente, incapazes de construir hipóteses e teorizações sobre temáticas relacionadas à sexualidade.

Ao contrário desta compreensão, neste trabalho, concordamos com Piaget (1975) no que se refere à certeza de que as crianças desenvolvem teorizações complexas sobre os fenômenos que as cercam e que elas vivenciam. Mas, para compreender essa complexidade, é necessário ouvir as crianças para compreender a realidade do ponto de vista delas. A partir deste entendimento, será possível, no processo educacional, criar contextos de ensino que favoreçam o desenvolvimento de conceitos.

É de suma importância que a abordagem da educação para a sexualidade aconteça no espaço formal de aprendizagem, porque pode permitir quebrar os preconceitos acerca do tema e criar um espaço com diálogos apoiados em princípios de responsabilidade, onde cada estudante poderá aprender a respeitar o próprio corpo e o corpo do outro; estimulando a tomada de decisão relativa a sua vida sexual de forma consciente de quem se é. Neste contexto, cria-se um movimento de promoção de saúde, prevenção de doenças e/ou de gravidez indesejada e estados de menos ansiedade com relação à vida sexual.

A educação para a sexualidade não tem vinculação com a ideia de que é uma área de conhecimento que estimula a vida sexual dos/as estudantes, mas, ao contrário disso, é uma área do conhecimento que favorece a compreensão do corpo, de si e das várias maneiras de ser e estar no mundo nas relações humanas que envolvem o sexo, o prazer e as relações de gênero.

2. Metodologia

A pesquisa realizada tem sua fundamentação na metodologia qualitativa, com delineamento em pesquisa-ação (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Este delineamento metodológico se fundamenta num ciclo de pesquisa que se inicia com a identificação do problema no contexto, o que inclui a identificação da necessidade de mudança, seguida pelo planejamento de possíveis soluções, intervenções, ou seja, aplicação do planejamento e, por fim, avaliação (TRIPP, 2005).

2.1. O contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com onze crianças do 4º ano do ensino fundamental da escola pública, aqui nomeada Beija Flor, de Planaltina-DF, juntamente com uma equipe de três pesquisadores.

A escolha pela terminologia “crianças” foi escolhida baseada nas teorias da psicanálise.

As crianças estudam no 4º ano das séries iniciais do ensino fundamental 1 e tem entre 8 e 12 anos de idade. Os nomes das crianças, do professor, da turma e da escola são todos fictícios.

2.1.1. A inserção da professora-pesquisadora

Por se tratar de uma metodologia de pesquisa-ação, a pesquisa começou com a inserção da professora-pesquisadora na turma no primeiro semestre de 2016.

Durante a fase de inserção, a professora-pesquisadora realizou cinco meses de observação-participante na sala de aula. As observações aconteciam uma vez por semana, durante 3 horas de aula, totalizando cerca de 60 horas de observação participante (YIN, 2016), ou seja, aquela em que a pesquisadora pode atuar com o público envolvido na sua pesquisa.

Durante a observação, foi construído um bom relacionamento entre a turma e os pesquisadores, o que favoreceu a atuação da professora-pesquisadora, como mediadora, no projeto “Da Dengue ao Corpo Humano” (PRADO; MOTA; SILVA; CAIXETA, 2017). Esse projeto surgiu do interesse das crianças em estudar sobre o mosquito transmissor da doença dengue e como a mesma afeta o corpo humano. A experiência do projeto Dengue apontou que o centro de interesse das crianças havia mudado da Dengue para o Corpo Humano e, deste, para a Sexualidade. Portanto, este projeto de intervenção diz respeito a dois meses de atuação da professora-pesquisadora na turma aqui nomeada Turma Azul Turquesa.

2.1.2. Assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLEs

Para se conseguir a assinatura dos pais ou responsáveis nos dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE's (anexo 1), foi elaborada uma atividade de sensibilização com o tema Sexualidade. Para tanto, uma psicóloga da Universidade de Brasília foi convidada para conversar com os pais ou responsáveis. A reunião aconteceu em um sábado pela manhã, com a presença de uma mãe.

Devido à ineficiência desta estratégia, foi preciso conversar com cada pai, mãe ou responsável individualmente, pois a partir da prática do professor regente, a estratégia de convocar os pais para falar sobre seu filho o/a faz presente na escola. Então, o professor regente acreditou que a forma eficaz seria o convencimento. Para isso, além de mostrar as perguntas feitas pelas próprias

crianças para os pais ou responsáveis, demonstrou que as músicas ouvidas por elas mencionavam conceitos relacionados à sexualidade.

Com este procedimento, onze pais ou responsáveis assinaram o TCLE, autorizando a participação de seus/suas filho(a)/as na pesquisa.

É importante esclarecer que o projeto interventivo foi realizado com todas as crianças da sala, mas, os dados para fins de análise, nesta pesquisa, se referem àquelas crianças cujos pais ou responsáveis autorizaram a participação.

2.2. Relato do Projeto Do Corpo Humano à Sexualidade

O projeto Do Corpo Humano à Sexualidade surgiu quando as crianças da turma Azul Turquesa demonstraram ter mudado o centro de interesse de perguntas sobre dengue para perguntas sobre o corpo humano e, em seguida, perguntas sobre sexualidade. Esta percepção foi possível por meio das reuniões sistemáticas da equipe de profissionais, realizadas, semanalmente, na universidade, e pelas atividades em classe, desenvolvidas pela Turma.

Durante todo o processo, a técnica de pesquisa mais utilizada foi o diário de campo. Tanto professor regente quanto professora-pesquisadora e bolsista de IC Junior desenvolviam relatórios de aula e faziam diários de campo para registro das informações. Por isto, puderam perceber as mudanças das perguntas que, durante o projeto Dengue eram: “por que a pessoa fica com manchinhas vermelhas na pele?”; “o que é febre? O que acontece?”. “por que a pessoa sangra na Dengue Hemorrágica?” (PRADO; MOTA; SILVA; CAIXETA, 2017, p. 10) para: “Como o bebê se alimenta?”; “O que são essas bolinhas que ficam em volta da bolsa da mãe e por quê?”; “Como o neném faz cocô dentro da barriga da mãe?”; “Por que o neném nasce com o saco grande?”; “O bebê morde o cordão?”; “Pra onde vai o cocô do bebê?” [Diário da Pesquisadora].

Com isto, percebemos que o novo problema da Turma Azul Turquesa era compreender conceitos relacionados à sexualidade. Com esta identificação, a equipe de profissionais elaborou um projeto interventivo, considerando os interesses e dúvidas das crianças.

O planejamento foi desenvolvido pela equipe de pesquisadores. As perguntas feitas pelas crianças foram organizadas, pela equipe, em seis temas de interesse: puberdade, seios, menstruação, pênis, fecundação e gêmeos. Este planejamento foi fundamentado numa abordagem temática, ou seja, os assuntos foram organizados em temas que tem relação com a educação para a sexualidade. A execução do projeto está detalhada na tabela 1. É importante esclarecer que as atividades e os textos apresentados na tabela 1 foram selecionados com a orientação do professor regente da Turma Azul Turquesa.

Tema	Objetivo	Ação
Puberdade	Abordar as principais mudanças que surgem no corpo com o início da puberdade.	Leitura de texto “Mudanças da puberdade. As que a gente vê” (ver anexo 2). Discussão sobre o texto em sala de aula e realização da atividade “Complete o desenho” (ver figuras 1 e 2). Nesta aula, foram apresentadas as mudanças da puberdade no corpo masculino e feminino.
Seios	Apresentar as características dos seios femininos na puberdade e tratar as principais dúvidas sobre o crescimento dos seios.	Leitura de texto “Formas do corpo (Seios) (ver anexo 3). Discussão sobre o texto em sala de aula, problematizando as perguntas feitas acerca do tema, como: “o que é mamilo?”, “o que é auréola” [Diário da Pesquisadora]
Menstruação	Esclarecer como ocorre o processo da menstruação, cólica e uso do absorvente.	Aula com slides na sala de vídeo da escola. Foram abordadas as principais características que envolvem o ciclo menstrual, cólicas menstruais e o processo de reprodução. Foi realizada uma oficina sobre absorventes. Na oficina, foi utilizada uma calcinha de papel e diferentes tipos de absorventes. Com estes materiais, a professora-pesquisadora demonstrou como se faz o uso e o descarte corretos do absorvente. Após esta ocasião, as crianças puderam ver e pegar nos diferentes tipos de absorventes. Uma aluna se propôs a fazer uma demonstração de uso do absorvente. Ao final da oficina, foi

Tema	Objetivo	Ação
Pênis	Apresentar o pênis como parte do sistema reprodutor masculino, abordando temas como higiene e saúde do pênis e ejaculação.	Leitura do texto “Mais pelos” (ver anexo 5). Aula com slides, na sala de vídeo da escola, abordando a importância de se manter uma boa higiene do órgão sexual masculino e aplicação de atividade da higienização do pênis (ver anexo 6), com a mediação da equipe de profissionais.
Fecundação	Apresentar órgãos que compõem o sistema reprodutor masculino e feminino. Apresentar como ocorre a fecundação.	Aula dialogada, abordando o processo de fecundação no sistema reprodutor, utilizando imagem do sistema reprodutor masculino e feminino, ilustrando como ocorre a fecundação.
Gêmeos	Relatar como ocorre a fecundação de gêmeos univitelinos e bivitelinos e as diferenças entre os dois na gestação.	Bate papo sobre como ocorre a fecundação de gêmeos e a diferença entre gêmeos bivitelinos e univitelinos. A aula ocorreu por haver uma criança na turma que tem um irmão gêmeo e houve muita dúvida na aula anterior sobre o tema.
		aplicada a atividade de fixação de conceitos (ver anexo 4).

Tabela 1: síntese das atividades realizadas no Projeto Do Corpo Humano à Sexualidade.

Para a avaliação, foram utilizadas atividades de fixação, breve apresentação sobre o que aprenderam ao longo do projeto e conversas com os pesquisadores.

2.3. Procedimentos de análise dos dados

A pesquisadora construiu a análise do Projeto do Corpo Humano a Sexualidade utilizando o método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), pois houve o interesse em identificar se o mesmo foi significativo para os participantes. Analisou-se o diário de campo, as reuniões sistemáticas dos pesquisadores e as vivências com a turma ao longo da realização do projeto de intervenção, inclusive

as atividades feitas pelas crianças (ver figura 1). A partir disso foram geradas algumas reflexões sobre a análise

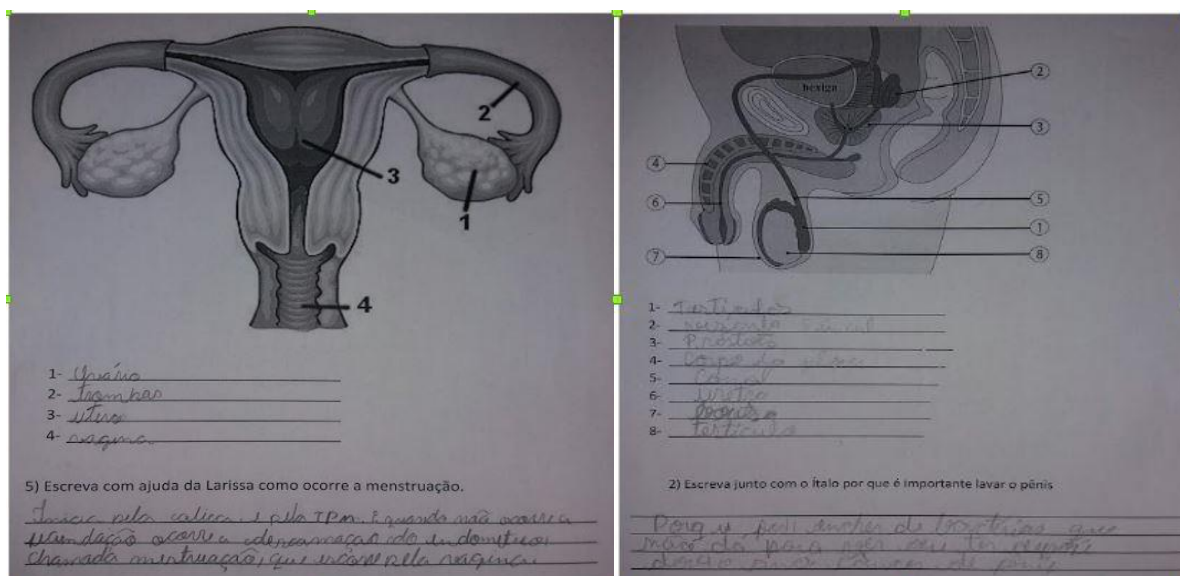


Figura 1: apresenta a atividade de identificação dos órgãos feita pelas crianças Mel e Arthur.

3. Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados e discutidos de acordo com o conjunto de categorias que permitiram a análise: a) temáticas; b) metodologia de ensino; c) atividades e d) interação. A seguir, definimos e caracterizamos cada categoria.

a) **Temáticas:** esta categoria analisou a relação entre os conteúdos abordados no projeto interventivo e as temáticas típicas da educação para a sexualidade.

As perguntas das crianças foram categorizadas em seis temas: puberdade, seios, menstruação, pênis, fecundação e gêmeos, que estão relacionadas aos eixos corpo humano e sexo da educação para a sexualidade (PENA, 2015). Essas temáticas parecem se relacionar aos interesses de crianças da idade dos/as estudantes participantes do projeto, entre 8 e 12 anos. Neste período, é comum que tenham dúvidas relacionadas ao corpo e seu funcionamento,

iniciando, aproximadamente, entre 10 e 12 anos, interesse sobre os temas namoro e prática sexual (KUPFER, 2001; NUNES; SILVA, 2001).

"*Porque quando ocorre fecundação não entra outro esperma?*" [Diário de Campo da Pesquisadora].

Portanto, as temáticas, além de se relacionarem à educação para a sexualidade, estavam intimamente relacionadas ao centro de interesse das crianças. No entanto, mesmo com este foco no interesse delas, foi possível notar que ainda existe a representação de que sexo, corpo, relações amorosas e gênero não são assuntos de crianças e nem para crianças, como pôde ser observado na pergunta de Joana: "*Professor, pode dar aula disso para crianças?*" [Diário de Campo da Pesquisadora].

Sobre isto, Kupfer (2001), Bomfim (2009) e Nunes (2006) explicam que a educação para a sexualidade é um desafio e, se for voltada para as crianças, o desafio pode ser ainda maior.

b) **Metodologia de ensino:** esta categoria analisou a estratégia de mediação do processo de ensino por meio de perguntas.

Partindo do pressuposto que as crianças buscam respostas sobre as incertezas que as cercam (PIAGET, 1975), o projeto de intervenção se fundamentou na utilização de perguntas que manifestam o centro de interesse delas no contexto educacional. Dessa forma, a estratégia de mediação oportunizou às crianças serem protagonistas de seu próprio aprendizado, a partir do momento em que foi criado espaços para ouvi-las e provocá-las à reflexão sobre as temáticas escolhidas no contexto da educação para a sexualidade.

A estratégia de ensino utilizada, juntamente, com as temáticas escolhidas pelas crianças geraram o contexto pedagógico propício para a desconstrução de mitos em relação a temas do corpo humano e da prática sexual. No mesmo momento em que as crianças apresentavam mitos que foram construídos e/ou aprendidos fora da escola, a equipe de pesquisadores os indagava para confrontá-los e fazê-los pensar e esclareciam sobre o motivo daquele mito existir e também apresentar a verdadeiro significado científico do que foi abordado.

Como exemplo de desconstrução de mitos, a estudante Liz, na aula sobre os seios, por exemplo, enunciou: "*a minha tia me falou que por eu ser adolescente, não posso segurar bebê no colo porque se não meus peitos vão crescer para baixo, ficar caídos ou até mesmo nem crescer*" [Diário de Pesquisadora]. Este comentário, juntamente com outros, por exemplo, de Ana, "*Meninas magras não crescem os seios?*" [Diário da Pesquisadora], foram estímulos para que a Turma Azul Turquesa debatesse com mais profundidade o tema seios e como as pessoas constroem mitos sobre eles.

c) **Atividades:** esta categoria analisou as atividades usadas para a sistematização de conhecimento, após o desenvolvimento de cada tema de aula.

Ao todo, foram feitas cinco atividades que englobaram tarefas de completar, desenhar e associar. Todas as atividades contaram com a presença dos mediadores para a sua resolução. As figuras 2 e 3 apresentam exemplos de atividades utilizadas no decorrer do projeto.

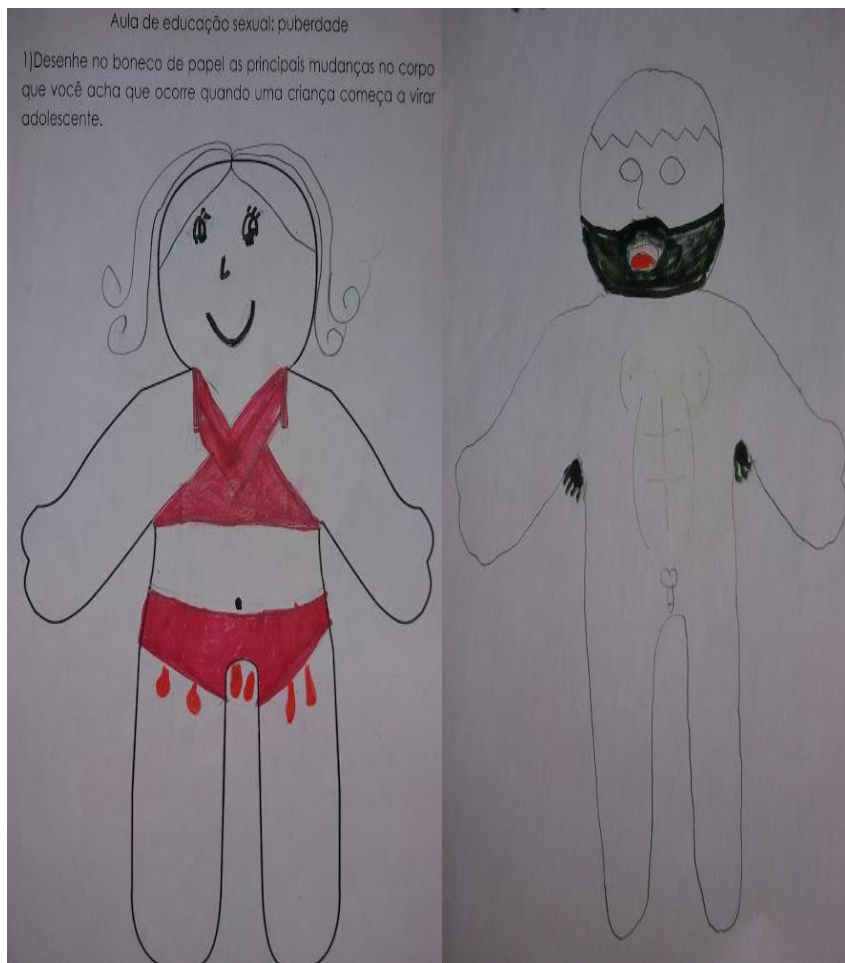


Figura 2: atividades de desenho feitas por Jéssica e João após aula sobre puberdade.

A figura 2 evidencia desenhos típicos apresentados por meninas e meninos participantes do projeto. Os pesquisadores puderam identificar que, na atividade de fixação sobre a puberdade, todas as crianças, sem exceção, expressaram seus desenhos da mesma maneira. As meninas escondiam os seios com o desenho de sutiã e algumas ilustraram a menstruação. Todos os meninos desenharam o pênis e outras mudanças no corpo.

É possível que este resultado se remeta às relações de gênero (LOURO, 1997). A educação das meninas tende a ser diferenciada dos meninos em relação à sexualidade. As meninas se mostraram mais recatadas, demonstrando mais interesses em temas relacionados ao seu próprio corpo, como os seios, por exemplo; enquanto os meninos se mostraram mais expressivos, mostrando interesse pelo pênis.

De todas as atividades, a de desenho parece ter se destacado pelo fato de permitir a livre expressão das crianças sobre a aprendizagem que tiveram na aula de puberdade e, também, pela possibilidade de expressarem suas crenças sobre o próprio corpo. No entanto, outras atividades não apresentaram o mesmo potencial de criação, uma vez que se tratavam de atividades muito estruturadas (ver figura 3).

Escreva M para as mudanças do corpo da mulher e H para as mudanças do corpo do homem. Ou H e M quando for homem e mulher



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Crescimento dos pêlos no corpo | <input type="checkbox"/> A voz se torna mais grave |
| <input type="checkbox"/> Os músculos se tornam mais fortes | <input type="checkbox"/> Os quadris se alargam e se tornam mais arredondados |
| <input type="checkbox"/> Crescimento dos seios | <input type="checkbox"/> Há o crescimento do pênis |
| <input type="checkbox"/> Aparecem os primeiros fios de barba | |

Figura 3: atividade de associação das características sexuais feminina e masculina.

A partir da análise da figura 3, podemos verificar que atividades muito estruturadas não combinaram com a proposta metodológica do projeto interventivo, que se fundamentou na participação ativa das crianças, por meio de suas perguntas e de suas reflexões e teorizações sobre os temas das aulas. E também há uma relação de gênero, pois a equipe de pesquisadores poderia ter utilizado os termos “masculinos” ou “femininos” que tem a ver como o sujeito se

enxerga. Em vez de atividades estruturadas como as de associação e complemento de frases, poderíamos ter utilizado atividades de criação individual e coletiva, por exemplo: construção de textos, poesias, histórias; dramatização de histórias; resolução de problemas em grupo, entre outras atividades.

d) **Interação:** esta categoria analisou as diferentes interações entre os participantes desta pesquisa. Foi dividida em três subcategorias: 1. interação criança-criança; 2. interação mediadores- crianças e 3. interação da equipe.

1. **interação criança-criança:** foi observado, ao longo do projeto interventivo, que as interações entre as crianças aconteciam de duas maneiras:

- Para exemplificar uma situação debatida em sala, como pode ser observado no episódio da aula de menstruação:

"A aluna Jade, na aula de menstruação, foi até à frente para demonstrar como se coloca absorvente na calcinha. Após ela colocar corretamente, os meninos começaram a perguntar para ela se ela havia menstruado. Ela disse que não, mas que vê a irmã colocando o absorvente na calcinha, em casa. Por isto, sabia como se usava e descartava" [Diário da Pesquisadora].

- Para responder a pergunta, como pode ser observado no diálogo entre Pedro e Antônio

Pedro: "O que é um negócio branco que fica entre a pele e a cabeça do pênis?"

Antônio: "Isso é goza!" [Diário da Pesquisadora].

As crianças se tornaram mais íntimas ao longo da realização do projeto, assim a interação entre elas fluiu de maneira natural, por isso, algumas não demonstraram timidez ao evidenciar casos de suas próprias vidas e dúvidas que tinham sobre as aulas que foram abordadas com receios de serem motivo de chacota.

2. **interação mediadores-crianças:** a análise desta interação evidenciou que a relação entre mediadores e crianças foi pautada por afetividade (TASSONI, 2000), que implica em compromisso de partilha tanto por parte da equipe, quanto por parte das crianças.

Elas demonstraram proximidade tanto para fazer suas perguntas quanto para tirar dúvidas e fazer comentários. Todos os pesquisadores participantes tiveram importante atuação no projeto. As aulas eram desenvolvidas com a mediação da equipe de pesquisadores que sempre se colocavam à disposição das crianças para o diálogo (FAZENDA, 1991).

Esta interação também proporcionou aprendizagem para a equipe, como pode ser percebido no episódio sobre a aula de menstruação:

"O mediador José, após pegar um absorvente, abri-lo e tocá-lo, comentou com a turma Azul Turqueza que nunca havia tocado em um absorvente, só via no supermercado. Comentou que a aula tinha sido importante também para ele conhecer sobre absorventes" [Diário da Pesquisadora].

3. interação da equipe: a análise das reuniões sistemáticas da equipe de mediadores evidenciou que este era um espaço de avaliar as intervenções feitas e planejar as intervenções futuras. Neste processo, todos os mediadores davam sua opinião e, juntos, construíam as aulas e as avaliações.

Por terem formações diferentes, pedagogia e ciências naturais, a interação da equipe foi enriquecida com diferentes pontos de vista (FAZENDA, 1991), o que favoreceu a abordagem biopsicossocial dos temas, que é a mais adequada para a educação para a sexualidade (BRASIL, 1997; OLIVEIRA, 2013; SILVA, 2013; BARBOSA, 2014).

4. **Considerações Finais**

O projeto de intervenção Do Corpo Humano à Sexualidade foi capaz de demonstrar que é possível incluir a educação para a sexualidade para crianças, na escola, partindo do pressuposto que a criança é um ser que vive experiências relacionadas à sexualidade desde seu nascimento; mas que a abordagem de ensino deve considerar as perguntas que elas tem, suas curiosidades e formas de representar o seu próprio corpo. Portanto, cabe aos/às professores/as e instituições de ensino investirem em metodologias de mediação que se foquem no centro de interesse dos/as estudantes, neste caso, das crianças.

Em debates sobre o projeto com as crianças, os pesquisadores observaram que elas ficaram orgulhosas por terem participado dele, pois relatavam para colegas de outras turmas o que estava acontecendo e o que estavam aprendendo em sala de aula.

Sobre a metodologia de ensino, foi verificado que as crianças conseguiram relacionar conceitos científicos, que foram ensinados na escola, com os conceitos espontâneos, aprendidos ao longo da vida, podendo, assim, desmistificar alguns mitos.

Sugerimos, portanto, que a escola amplie o projeto para outras turmas, uma vez que a Turma Azul Turquesa foi a única a participar dele nesta escola. Outras sugestões se referem: a) à utilização de atividades de fixação de conceitos que se centrem na participação ativa das crianças e b) à ampliação dos temas para incluir debates sobre desejo, prazer, gênero, DST's, gravidez entre outros que sejam relevantes ao contexto da intervenção.

Esperamos que a aprendizagem oriunda do projeto Do Corpo Humano à Sexualidade tenha possibilitado, para as crianças, a capacidade de tomar decisões conscientes sobre suas experiências sexuais, sabendo que elas são responsáveis por suas escolhas no futuro, da mesma forma que a aprendizagem advinda do projeto nos auxiliou a construir competências docentes para atuar com educação para a sexualidade na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, R. L. **Dificuldades e facilidades do ensino de sexualidade: o que pensam os professores de Ciências Naturais**. 2014. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais) Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOMFIM, S. S. **Orientação Sexual Na Escola: Tabus E Preconceitos, Um Desafio Para A Gestão**. Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-SANDRA-SOUZA-BOMFIM.pdf>> Acessado em: 28 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FAZENDA, Ivani. **Práticas interdisciplinares na escola**. Cortez Editora, 1991.

FUCS, G. B. **Por que o sexo é bom?** Orientação para todas as idades. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos tempos. 1993.

KUPFER, Maria C. **Freud e a Educação.** O Mestre do Impossível. São Paulo. Editora Scipione, 2001.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança. Polêmicas do nosso tempo.** São Paulo: Editora Autores Associados, 2006.

PIAGET, J. **Seis estudos em psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975

PRADO, O. A. M.; MOTA, I. J. A.; SILVA, L. T. C.; CAIXETA, J.E. **Ensino de Ciências, perguntas e docência: projeto da Dengue ao Corpo Humano** In: IX CONGRESO IBEROAMERICANO DE EDUCACIÓN CIENTÍFICA, 2017, MENDOZA. Actas del IX Congreso Iberoamericano de Educación Científica y del I Seminario de Inclusión Educativa y Sociodigital. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá Servicios de Publicaciones, 2017. v.1. p.82 - 91. 2017.

SILVA, B. R. **Sobre sexualidade, adolescência e escola: uma proposta de intervenção.** 2013. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

SILVA, R. O. **Diálogos sobre sexualidade: um estudo a partir das dúvidas de adolescentes.** 2013. [29] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e Aprendizagem:** A relação professor aluno. Atas. 23ª Reunião da ANPED. Caxambu, Minas Gerais, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005.

Yin, R. K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim.** São Paulo. Penso Editora, 2016.

ANEXOS

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Larissa Thuanne Costa da Silva, estudante da Universidade de Brasília, desenvolvi com seu (sua) filho (a) um projeto de ciências sobre educação sexual. Para conseguir identificar o que as crianças aprenderam e se elas gostaram das aulas, estou realizando esta pesquisa que consiste na análise dos desenhos, textos e avaliações que seu (sua) filho (a) fez. Para isto, precisamos da sua autorização, já que seu (sua) filho (a) é menor de idade.

O nome seu (sua) filho (a) não será divulgado de forma alguma, garantimos o sigilo das informações, já que tudo o que a criança escreveu ou desenhou será tratado de forma agrupada ao que outras crianças também desenharam e escreveram.

A participação seu (sua) filho (a) é voluntária. Portanto se o (a) senhor (a) não quiser que os trabalhos dele (dela) não sejam analisados, eles não serão.

O uso posterior desses dados analisados será restrita ao estudo e divulgação científica e/ou a processo de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Naturais.

O uso das fotos, desenhos e textos terá caráter ilustrativo e científico, não possibilitando de nenhuma forma a identificação de seu filho.

Se tiver dúvidas sobre este termo, contate-me: (61) 99XXXXX.

Larissa Thuanne Costa da Silva

Estudante UnB

CONSENTIMENTO DO PAI OU DA MÃE OU DO RESPONSÁVEL

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa adotados pela pesquisadora Larissa Thuanne Costa da Silva e CONSINTO que a referida pesquisadora analise e utilize os desenhos, textos e fotos da criança _____ para publicação científica e em formação de professores com sigilo do nome e identidade.

Planaltina/DF, _____ de _____ de 2016.

Assinatura _____

Anexo 2: apresenta o texto da aula puberdade

Mudanças da puberdade

As que a gente vê

Se prestar atenção numa classe de quinta ou sexta série, você vai notar uma coisa estranha. Quando estavam na terceira série, esses meninos e meninas eram todos mais ou menos da mesma altura. Mas agora que têm onze ou doze anos, em geral as meninas são mais altas que os meninos. O que aconteceu?

Crescimento ou Estirão

A resposta é que muitas dessas meninas da quinta série já se encontram numa fase de crescimento rápido, também chamada estirão, que é um dos primeiros sinais da puberdade. Quando os meninos e as meninas são mais novos, ambos crescem em torno de cinco centímetros por ano. Mas quando as meninas entram na puberdade, crescem muito mais depressa, chegando a ganhar até dez centímetros num só ano.

É claro que os meninos também passam pela puberdade, para se desenvolverem e se tornarem ho-



mens. Mas normalmente só chegam ao estirão de crescimento um pouco mais tarde. Assim, durante alguns anos, as meninas são mais altas que os meninos.

Quando eles enfim começam a crescer mais, depois dos catorze ou quinze anos, em geral acabam ficando mais altos que as meninas.

Ficar mais alto não é a única coisa que acontece na fase do

estirão de crescimento. Braços, pernas e pés também passam a crescer muito mais rápido. Na verdade, são os pés que crescem mais rápido, atingindo seu tamanho adulto bem antes de a pessoa atingir a altura de um adulto.

Algumas garotas podem achar que seus pés estão crescendo descontroladamente e que vão ficar enor-



mes ou desproporcionais para uma pessoa da sua altura.

Felizmente, isso não ocorre. Embora cresçam mais depressa, os pés são os primeiros a parar de crescer. Deste modo,

quando você ficar mais alta, o tamanho dos seus pés será proporcional à sua altura.

No período em que está acontecendo, parece que o estirão nunca mais vai acabar. Mas na verdade não dura muito — em geral, no máximo um ano. Por outro lado, isso significa que o tempo que você vai ter para se adaptar a diversas mudanças é relativamente curto, o que pode causar bastante confusão.

Você deve continuar crescendo um pouquinho quando passar essa fase, mas bem mais devagar. De um a três anos depois de menstruar pela primeira vez, a maioria das meninas pára de crescer completamente.

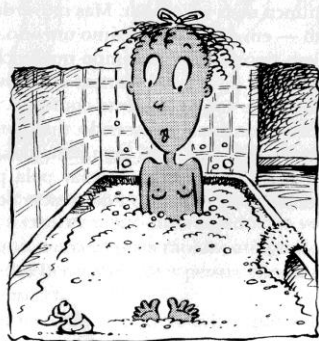
Fonte: GRAVELLE, K. Mudanças da puberdade. As que a gente vê (p. 13-15). Em Não se incomode. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Anexo 3: apresenta o texto da aula de seios

Formas do corpo (Seios!)

Além de a menina ficar mais alta, as formas do seu corpo começam a mudar quando ela entra na puberdade. Os quadris se tornam mais largos e, assim como as coxas, mais arredondados. Mas a mudança mais evidente é o início do desenvolvimento dos seios.

Como você sabe, quando as crianças são pequenas, o peito delas parece igual. Tanto os meninos como as meninas têm o peito chato, a não ser por dois pequenos círculos ligeiramente elevados, um de cada lado, chamados mamilos. Em algum momento entre oito e dezesseis anos, a menina vê seus seios incharem e crescerem aos poucos. Isso é sinal de que estão se desenvolvendo as glândulas mamárias, as quais vão



possibilitar que um dia a menina amamente. Ao redor dessas glândulas, acumula-se gordura para protegê-las, dando aos seios seu formato adulto.

Isso não acontece de uma vez, claro. Primeiro, somente a área em torno do mamilo se destaca. O mamilo fica mais duro e às vezes um pouco mais sensível. É comum que um seio desponte antes do outro. As meninas que não sabem que isso é absolutamente normal podem levar um tremendo susto! Podem sentir medo de que alguma coisa esteja errada e de que terão apenas um seio. Por isso é importante lembrar que o outro seio logo vai crescer e que em breve alcançará o que começou a se desenvolver primeiro.

Quando isso vai acontecer?

São muitas as meninas que se preocupam em saber com que idade terão seios. A maioria delas está entre os nove e os catorze anos quando os seios começam a crescer, mas algumas podem ser um pouco mais novas e outras um pouco mais velhas. Há garotas que têm nove ou dez anos quando isso acontece, e não se sentindo ainda prontas, não ficam muito felizes. Por outro lado, aquelas cujos seios só aparecem bem depois dos das amigas, costumam se sentir "diferentes". É bom saber que quando completarem dezesseis ou dezessete anos, todas as meninas vão ter seios.

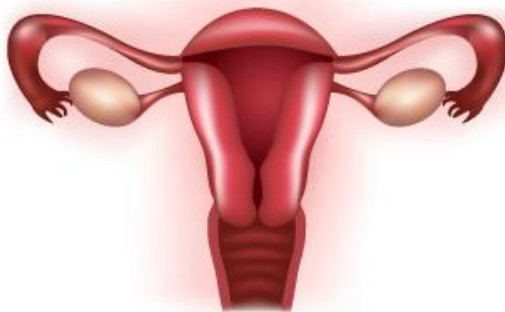
Você pode pensar que as meninas cujos seios se desenvolvem antes terão seios maiores do que as outras. Isso não é verdade: não há nenhuma relação en-

Fonte: GRAVELLE, K. Formas do corpo (Seios!) (p. 16-17). Em O que está acontecendo aí embaixo? São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Anexo 4: apresenta a atividade da aula menstruação

1) Com ajuda do desenho a seguir, explique:

- O que é a menstruação?
- Como acontece a menstruação?



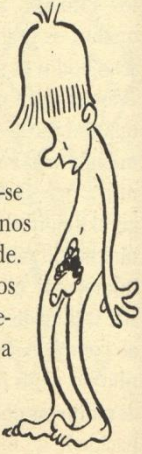
Anexo 5: apresenta o texto da aula de pênis.

Mais pêlos

Outra mudança que você pode esperar é o aparecimento de pêlos onde você nunca tinha tido antes — no rosto, nas axilas e geralmente no peito. Em alguns meninos, começam a crescer pêlos também nos ombros, nas costas ou na barriga. E quase todos eles notam que os pêlos dos braços e das pernas vão se tornando mais grossos e escuros.

Esses pêlos, todo mundo vê, mas os pêlos novos que costumam aparecer primeiro, ficam num lugar onde ninguém além de você pode vê-los: em volta da base do pênis. Chamam-se pêlos pubianos, e para alguns meninos eles são o primeiro sinal da puberdade. Porém, na maior parte dos garotos, os pêlos pubianos só se desenvolvem depois de os testículos terem começado a crescer.

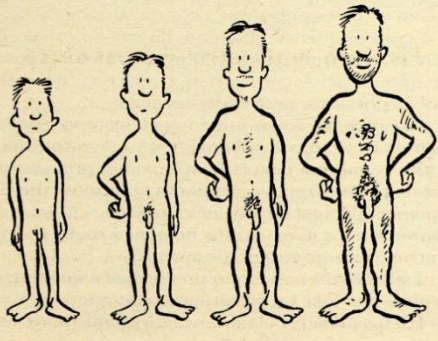
Conforme o menino vai amadurecendo, os pêlos pubianos vão se

A simple line drawing of a boy's torso and legs. He is facing left. There are small tufts of hair drawn on his chest, under his arms, and on his legs. A larger, more detailed tuft of hair is drawn around the base of his penis, representing pubic hair.

brancos tendem a ter mais pêlos, enquanto os orientais e os índios são os que possuem menos pêlos. Os de origem africana ficam entre os dois extremos.

Muitos meninos querem logo se barbear, pois consideram o hábito parte do processo de se transformar num homem. Outros fazem a barba porque ela ainda não está uniforme, e acham os pêlos que têm no rosto feios e irregulares. Já que fazer a barba leva-a a crescer mais escura e espessa, alguns garotos podem se barbear com esse objetivo. Outros meninos não têm a menor vontade de raspar o bigode ou a barba. Sentem orgulho dos pêlos no rosto e da aparência deles.

Se você resolver fazer a barba, certifique-se de que a lâmina que vai usar é nova e está limpa. E tome um

A series of four line drawings of boys from left to right, showing the progression of facial hair. The first boy is clean-shaven. The second has a small tuft of hair on his chin. The third has a thicker tuft of hair on his chin and a small amount on his upper lip. The fourth has a full, thick beard and mustache, representing a more mature stage of facial hair growth.

Fonte: GRAVELLE, K. Mais pêlos (p. 24-25). Em O que está acontecendo aí embaixo? São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Anexo 6: apresenta a atividade da aula de pênis

1) Com ajuda do desenho explique

- Por que é importante os meninos lavarem o pênis?